**PARTILHAS E NAVEGAÇÕES: REDES DE AFETO ENTRE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO E SEUS PROCESSOS DE PRODUÇÃO DE *CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES[[1]](#footnote-1)***

Bruno Costa Lima Rossato - ProPEd/UERJ

Nilcelio Sacramento de Sousa - UFT

Eduardo GarralagaMelgar Jr – Unipampa

**RESUMO**

Esta pesquisa visa realizar uma conversa entre os conceitos de *vidaformação,* proposto por Sousa (2022), e a Pedagogia da Partilha (Rossato, 2023), criado com influências de Rancière (2009).A *vidaformação* entendida como movimento tecido por nossas memórias, vivências e percursos formativos ao longo da vida, que vão entrelaçando criações e construções significativas de vivências *individuaiscoletivas*. E, a Pedagogia da Partilha proposta por uma ideia de ‘não saber’, no regime de produção docente entre imagens e sons, articulando *saberesfazere*s em prol de uma experiência estética. Especialmente, em momentos de crises e sofrimento, como a pandemia da Covid-19. Conceitos que quando se encontram, trazem à cena a compreensão de (auto)formação, construída por meio de afetos e amizades, do cuidado com o outro a partir de acontecimentos que operam nos cotidianos de pesquisadores, tornando a produção de conhecimento algo mais gostoso de viver, escapando da rigidez da ciência cartesiana.

Palavras Chaves: Pesquisa; (Auto)formação; Criação; Cotidianos.

**Início da conversa**

Neste artigo nos propomos apresentar e (des)tecermos conversas e algumas reflexões com dois pressupostos teóricos no campo da educação e da formação humana em diálogo com outras redes de pensadores/as: a *vidaformação*, delineada por Sousa em 2022, na tese de doutorado, e a Pedagogia da Partilha, pesquisa em andamento, advinda das reflexões de Rossato em 2023, enriquecida pelas influências de Rancière em 2009. Redes, nas quais os autores à luz das artesanais das *práticasteorias* engendradas pelas narrativas docentes, capturando conceitos e construindo sentidos-outros para uma trama de conhecimentos, as quais conjecturam inúmeras possibilidades de *pensarfazer* educação.

Para Deleuze (2006), os conceitos são uma potência e servem como articulações, construções de conexões dinâmicas e criativas para pensar e mapear o mundo em constante devir. E que os conceitos tem singularidades, não unidades. Por isso, os conceitos podem e servem para serem capturados, trazendo suas potências e pertinências a outro-novo (com)texto.

Conforme o mesmo autor, os conceitos são dispositivos ativos que nos permitem explorar e criar formas de compreender o mundo. Eles são dinâmicos e fluídos, capazes de capturar a multiplicidade e a complexidade dos fenômenos que buscam descrever. Mas, não só isto, pois são produzidos e transformados através de um processo contínuo articulação, que possibilita abrir novas possibilidades de pensamento e ação. O que, possibilita explorar as multiplicidades do mundo e inventar novas formas de vida e de pensamento.

A invenção enquanto arte da vida, (re)criam insubordinações aos modos normalizadores e padronizantes que insistem em uniformizar as existências e suas múltiplas maneiras de estar, sentir e inventar. Compreender os ditos e não ditos, nessa multiplicidade de mundos, possibilita construir novas maneiras singulares, não tencionadas, mas vividas no cotidiano das relações. Os movimentos transformam e recriam, modificam e ressignificam os modus operandi nessa pluralidade da *vidaformação* (Souza, 2022) (com)partilhados em nossas trilhas formativas.

Inspirados e tensionados por essas ideias de conceito, os autores capturam alguns conceitos tecendo outras-novas possiblidades para a produção de conhecimentos e para “[...] uma vida afirmativa no encontro com o Outro” (Ferraço; Soares: Alves, 2018, p. 9). Nesses diálogos, alguns pontos seguem direcionando a conversa.

1. ***Vidaformação*: por navegações outras aos docentes**

Ao operarmos com o conceito de *vidaformação,* entendemos este como um movimento de navegação das nossas memórias, das nossas vivências e dos nossos percursos formativos ao longo da vida. Portanto, pensamos que, para navegar, é preciso descobrir segredos que, ao navegar, nós procuramos algo, obtemos surpresas. Nessa perspectiva, interrogar as concepções hegemônicas a respeito da docência e formação, bem como as formas de pensar e praticar esse modo de estar no mundo, nos indicam que a formação docente pautada em navegações (Sousa, 2022) é uma das possibilidades de (re)construir caminhos, travessias que são capazes de conduzir a diferentes atalhos e, contextos sociais plurais nos quais os *corposvidas* não sejam precarizados, ameaçados, criminalizados, mas possam se constituir mediadas pelo reconhecimento e direito de diferentes modos de existências e reexistências.

Pensar como a *vidaformação* é cheia de desafios permanentes e repleta de deslizes, os quais nos levam a concordar com Bauman (2001) apud Sousa (2002) que as conexões que tecemos e destecemos um com os outros, assim, como as associações que construímos são cada vez menos duradoras, tornando-se fluídas e precarizadas. Dessa maneira, a vida tem se tornado cada vez mais fluída, urgente e sem profundidade, não possibilitando construir conexões com o mundo. Por isso, o autor afirma que: “Nosso planeta está lotado!”, tão lotado que poderíamos coadunar com o autor de que a vida hoje, assim como “os relacionamentos escorrem por entre os dedos” (*Ibdem*, 2001, p. 34 *apud* Sousa, 2022, p. 100).

As vidas escoam e nas “relações de poder ‘novas e melhoradas’ seguem o padrão do mercado dos bens de consumo que põem a sedução e o atrativo no lugar que antes ocupava a regulação normativa” trazendo à tona as questões “que substituem o ditado de ordens por relações públicas, e a vigilância e a patrulhagem, pela criação de necessidades […] (BAUMAN, 2008, p. 49). Encontros temporários, relações cada vez mais fluídas que nos escapam e reviram o já tão precário, tornam nossas relações frágeis, imputando dificuldades na manutenção de vínculos. Nesse interim, as diferenças potencializam práticas que insubordinam o aprisionamento da vida, um (re)virar de lutas que descritaliza as verdades (de)formativas quase sempre reacionários, nefastas e aprisionantes.

A formação se constitui das inúmeras lutas, negociações e (re)existências na complexidade das redes que cotidianamente são tecidas para a constituição do ser professora e professor.Assim, o conceito de (des)formação*,* como aparece em Sousa *(2022),* no possibilita pensarmos que, ao discuti-la, sem desconsideramos os múltiplos *espaçostempos* formativos, assim como, as trajetórias das/os *praticantespensantes*, os (com)textos, os saberes, as táticas e, ainda a multiplicidade de significados, representações, valores, linguagens e, por que não dizer, a multiplicidade de artimanhas que transgredem, burlam o instituído, estaremos fazendo o que nos leva a pensar Barros (2018), em sua poesia *O apanhador de desperdícios*, ou seja, estamos transformando os diversos *espaçostempos* com suas diferentes potências e redes de saberes, poderes, fazeres e afetos que conferem aos temas, conteúdos curriculares das formação, que podem ter sentidos inesgotáveis, caráter único, que afirma a legitimação de modelos-verdades e tendências fixas, com base em pensamento hegemônico que com a sua mesmidade não possibilita outros olhares, modos de *aprenderensinar*, tampouco nos abre portar para uma aventura, a de pensar de outro modo a formação.

1. **Pedagogia da Partilha: um caminho para o fortalecimento da docência**

A pedagogia da partilha (Rossato, 2023) produz uma forma de autoformação que é tecida por meio dos afetos, dos confrontos, da amizade, do cuidado com o outro a partir de um acontecimento que gera tensões; das dificuldades que operam na *vidaformação* (Sousa, 2022) docente e (des)romantizam o magistério. São formas criadas através das relações de afeto e amizade para escapar de infernos e possibilitar lampejos (Didi-Huberman, 2011), que são capturados do meio externo e geram sensações internas outras, praticando, assim, uma forma única de produzir e partilhar suas pedagogias. O conceito de lampejo, nesse sentido, nos faz provocar que toda experiência, aparentemente destruída, nos provoca, nos confronta, nos afeta, nos desestabiliza no inacabamento, (Benjamin, 2012).

Dessa forma, num contexto pandêmico, ao praticar à docência num regime de vídeos e sons, a pedagogia dessas professoras rompe com demarcadores de uma identidade engessada e formatada que atribui ao magistério. Com isso, podemos destacar que as usuárias criam outras imagens-professoras, pautadas nas suas relações de amizade e afeto. Desse modo, seriam as amizades que nos fornecem a metodologia para cuidarmos/partilharmos os nossos movimentos docentes? Seria o audiovisual praticado um dispositivo à Pedagogia da Partilha, entendendo que a criação é partilhada por meio de lampejos que ficam registrados em imagens e sons?

1. **Conversas entre redes de afetos: partilhas e navegações**

Desse modo, o que aprendemos com essas concepções em movimento? Como se fundem e criam outros sentidos a serem operados em nossas práticas docentes? Como nossos itinerários – e as amizades – fazem aparecer outros-modos de *fazerpensarsentir* um mundo que é vivido e experimentado a todo instante?

Ao operarmos com os conceitos (re)criados, entendemos estes como um movimento das dos nossos percursos (des)formativos ao longo da vida, com os quais vão entrelaçando-se criações não apreendidas pelas normatizações; (re)criações e (re)constituições dessas vivências ao longo da *vidaformação*. Portanto, pensamos que, ao navegar nas nossas experiências, mobilizamos uma pluralidade epistemológica, ética, estética e política de *saberesfazeres*, ao mesmo tempo, em que problematizamos modos *aprendidosensinados* de compreender a educação, (des)formação, currículo, relações sociais e culturais, diferenças..., pois vamos “[...] enveredando e construindo conexões, produzindo sentidos, significações e conhecimentos” *(*Sousa, p.80, 2022*).*

As (re)criações fazem parte do vivido e do experimentado, aos olhos do poder foram negligenciados, não apreendidos ou incorporados, são nossas maneiras vividas que oxigenam a precarização, (re)criam práticas docentes antes marginalizadas pelo instuído, dando corpos as invenções dos praticantes (Certeau, 2017).

1. **Navegando em busca de utopias: considerações?**

Assim, este ensaio, que é (des)tecido com itinerários de *vidaformação* docentes, propõe a *pensarfazer*, reinventar, descolar, sentir as múltiplas maneiras de *pensarpraticar* à docência e quais implicações estas operações trazem para os processos de autoformação e criação de pedagogias outras, que são partilhadas entre um movimento *estéticopolítico*.

Vivemos e aprendemos juntos; não há prática certa ou errada: há práticas! Práticas que potencializam ou despotencializam, que tecem currículos, conhecimentos e significações. O que se torna urgente repensarmos os sentidos imprevisíveis e ingovernáveis em que partilhamos, e navegamos, em nossas pedagogias.

As práticas formativas produzem subjetivações, nas relações que estabelecemos com os outros e suas histórias vividas e experimentadas, possibilitam-nos o (des)construir e descortinar a insistente normalização de nossas práticas docentes. O diferente, a história e suas memórias, o conto e a poesia vivida assentada nas práticas invisíveis, aqui importam e com elas, nós produzimos outros sentidos, sempre outros, jamais normalizadores, que sempre escapam a norma institucional. Propomos revirar os ditos e descortinar os sentidos!

**Referências**

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. La Sociedade Sitiada. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008.

BARROS, M. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano** 1: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

DIDI-HURBEMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Trad. de Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FERRAÇO, Carlos Eduardo, SOARES, Maria da Conceição Silva., ALVES, Nilda. Introdução - Viajantes em busca da alteridade e da compreensão das dinâmicas de criação da vida e do conhecimento. *In*: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ . **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, p. 9-17.

RANCIÈRE, J. **Partilha do sensível**: estética e política. Trad.: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

ROSSATO, B. C. L. **Entre lampejos e sobrevivências: partilhas de uma docência em Educação Infantil nas/com as audiovisualidades**. Qualificação (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SOUSA, N. S. de. **Viagens e narrativas sobre gênero e sexualidade na (des)formação docente**: (re)invenção de mim e de nós. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2022.

1. O princípio da juntabilidade, proposto por Nilda Alves (2008) *apud* Rossato (2023), com a epistemologia “nosdoscom” os cotidianos, visa enaltecer a junção como um movimento de criação no qual termos considerados dicotômicos se juntam e se fundem em percepções outras, desconstruindo ambiguidades impostas pelo regime da modernidade. [↑](#footnote-ref-1)